

Gaiato

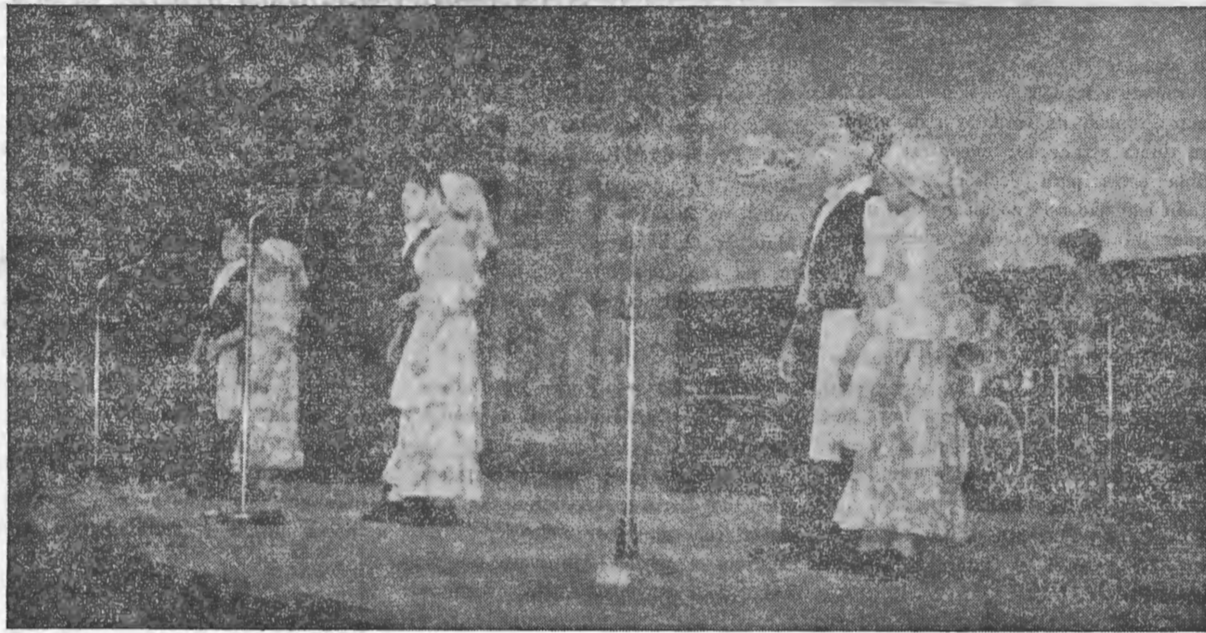
Quinzenário * 31 de Março de 1984 * Ano XXI — N.º 1045 — Preço 7\$50



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Partilhando

□ Numa destas tardes de sol frio, de vento norte, fui dar uma volta pela nossa quinta que desce até ao ribeiro e sobe até ao pino da mata. Em todos os recantos encontrei vida; desde os picos e as colheiras de massa dos pedreiros e trolhas que levantam muros e renovam as nossas casas de habitação, às tesoiras de poda dos pomares e videiras, até ao «Corneio» que, sentado no lameirão, lê uma história aos quadradinhos, enquanto a égua-mãe com seus filhos pastam e correm e o Alexandrinho guarda as ovelhas e os cordeirinhos dos cães vadios — lá nos píncaros da mata.

A meio da viagem sou interrompido por mais esta notícia, pela boca do «Lourinho»: — **Nasceu agora mais um cordeirinho!** Ele é chefe «da lenha» e da casa três de cima e vigilante do rebanho e dos cavalinhos. Aproveitei a boleia do «Pinguim» e voámos até ao estábulo. Vimos a mãe limpando o filhote com beijos e ais de ternura. O exemplo destes animais é uma lição para os homens!

De manhã tínhamos ido — eu, o Neca e o Mendão — aos viveiros de Castromil buscar árvores de fruto, oferecidas assim: — **Há aqui muitas pereiras e, se as quiserem, é só aparecerem e carregarem...** Veio a carrinha cheia de ár-

vores e de roseiras de muitas qualidades! Fruta e flores que são uma delícia para a boca e para os olhos!

O senhor da fruta continua — apesar dos anos e das crises sociais — a encher as nossas refeições de fruta! Nós, apesar disso, vamos plantando árvores, sempre. Em homenagem a quem dá por amor, semeamos tudo com gratidão. A sementeira é nossa; a colheita, porém, será de quem Deus quiser!

□ O Lito, com cinco anos, continua a ser a semente mais pequenina do jardim dos «Batatinhas». Já tem um amigo lá fora, que ontem fomos visitar. Pela viagem contou histórias da sua vida: Tinha dois cães, em Angola, de que muito gostava; que sua mãe trabalha afanosamente. Do pai, disse: — **Batla na minha mãe, não trabalhava! E quem não trabalha não come...** Palavras do Lito, enquanto esperávamos pelo seu amigo Bruno. Mais: Que os «Batatinhas» haviam sido castigados a limpar a casa de banho, que sujaram, excepto os mais pequeninos; entre eles — ele! Então, afirmei: — **Olha, Lito, ser pequenino é bom! Sabe bem, como um chocolate...!** Deu uma grande gargalhada!

E continuámos a conversa, a saborear um pacote de sugus.

Padre Moura

FESTAS

SUL

As nossas Festas são um atear da chama pela exposição da bela fogueira que arde na Obra da Rua alimentada pelo Espírito de Deus.

Inclinamo-nos para começar a romaria no concelho de Palmela atraídos pelo inextinguível acolhimento dispensado a esta Casa. Dali partem, todas as quintas-feiras, as sacrificadas e perseverantes senhoras que vêm dar um dia inteiro de trabalho e carinho aos nossos rapazes.

Palmela (28/4), Quinta do Anjo (30/4) e Luisa Tody de Setúbal (11/5) serão, no Sul, as primeiras terras a saborear o dom feliz da Festa. Iremos depois à Sociedade de Cabanas (12/5), Azeitão, Amora, Almada, Alcochete, Samouco, Vendas Novas, Pinhal Noyo, Águas de Moura e mais onde a nossa presença seja reclamada.

Padre Acílio

CENTRO

A nossa vida começou a estar nas Festas.

Respira-se o ambiente festivo: Reuniões dos mais responsáveis até tarde. O Guido, que andava com muitos planos. Alguns grupos aproveitam tempos livres para os ensaios. O programa a sair da forja. Os vendedores trazem recados dos amigos a perguntar quando é que é. Muitos têm perguntado se há bilhetes à venda.

Dos Bombeiros de Miranda do Corvo afirmaram que primeiro está a Festa dos gaiatos. Do Teatro Avenida de Coimbra disseram, pelo telefone, que a casa no dia 1.º de Maio é sempre nossa. O Crisanto trouxe recado da Figueira da Foz: a sala está em obras mas o Casino tem mais salas. Noutras terras estão a mexer-se. Assim, todos mais unidos, as Festas hão-de ser o que todos quisermos.

Padre Horácio

NORTE

A dois passos da primeira saída, a Festa já queima pro-

fundamente o coração dos nossos Amigos, de Vila Nova de Famalicão a Braga, do Porto a Aveiro!

Andámos por lá..., e as vésperas têm sempre um sabor divino! Quadros d'Amizade que são estímulo difícil de medir — pelas contas que o mundo faz.

No Espelho da Moda à rua dos Clérigos, 54 — o nosso Depósito na cidade do Porto, que «ficará na história da Obra da Rua», escreveu Pai Américo pelo seu punho — quando ali vamos, em serviço, as caras reflectem o diagnóstico da situação: quanto mais cresce o interesse pela Festa no Co-

Cont. na 4.ª pág.

AGORA

Começamos pela «Casa da Paz»: «Mais uma gota. Crelo que, com estes 10 mil, fica em 80 mil a minha contribuição para algo que tanto desejo: dar um tecto a um irmão desabrigado». Sim, a paz não nasce, conquista-se passo a passo. É fruto duma luta diária pelo bem e pela justiça. O

Senhor trouxe-nos a espada. Ah!, se todos os cristãos saíssem à rua, não de mãos erguidas — mas com o vestido da paz... que é o sinal do amor aos Outros, da renúncia de si e do dever cumprido! Assim queremos. Estamos hoje na rua — nesta nossa procissão — com o vestido da paz. Ergamos sem

medo a frente e sejamos testemunhas — archotes a quem Jesus pegou o fogo do amor.

Vem a segunda luzinha da Universidade de Coimbra: «Aqui vão os retroactivos recebidos. O Senhor e Pai Américo — a quem recorro desde o meu primeiro dia de trabalho — me ajudem a ir distribuindo tam-

bém». Vêm mais 10, em cima do alqueire, de um sacerdote de V. N. de Saude. Vinte de M. C. G., de Coimbra. Uma telha da Foz e outra de Nisa. Outra telha duma cursista de Odivelas.

A Piedade e o Carlos, de Setúbal, também estão connosco nesta caminhada de esperança. E mais outra velhinha de Carrazedo de Montenegro. Todos os cantos deste Portugal! «Para partilhar com amor» a assinante 19034, de Santarém. A assinante 5397, do Porto, 40 mil para tijolos e telhas. Um salto a Queluz pela assinante 12087. Outro salto à Ré-

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Era uma mulher aflita, mãos dadas a uma recoveira dos Pobres. Estranhámos!

— Tem o homem sem trabalho — informa a vicentina. Não pediu subsídio de desemprego. Pode esclarecer...?

Procurámos indicar os caminhos. — Não dá conta de nada...! Tem de ser ela a mexer-se. Uma tristeza!

Pois foi ela, pelo seu pé, colher os elementos — sem resquícios de paternalismo — suprimindo as carências do marido. Um factor de promoção social!

■ Ela mal se pode mexer.

«Tenho andado muito mal!...» — o primeiro desabafo. O marido já é pensionista da Segurança Social e alguém apitou que teria direito a subsídio de grande inválido. Apesar de analfabeta, foi saber como haveria de proceder. Dum lado, seria assim; doutro, assado. A confusão!

— Temos aqui impressos para esses requerimentos...!

Os olhos estalarão d'admiração!

— Meu Deus! As voltas q'eu já dei...! Não é preciso mais nada?!

— O resto é com eles... — Bendito seja Deus!

Não se increpou. Não acusou ninguém! Quanto merece esta gente simples, pacífica, que «anda de Herodes para Pilatos» no reino da papelândia!

■ Rejubilámos com a criação de pequenas repartições concelhias da Segurança Social para ajudarem os utentes no encaminhamento burocrático. Uma modalidade que serve d'alívio aos Pobres, aos analfabetos.

Como nunca é tarde para se fazer o bem e procurar fazê-lo bem feito — com mais proveito para todos — que esta acção não fique retida a pequenos gabinetes concelhios, a zonas urbanas... Seriam brigadas móveis pelo interior do País, pelas zonas rurais, escalonadas pelo calendário, por terras, aproveitando recursos humanos (e materiais) mais ou menos subaproveitados.

Como nunca é tarde para se fazer o bem e procurar fazê-lo bem feito — com mais proveito para todos — que esta acção não fique retida a pequenos gabinetes concelhios, a zonas urbanas... Seriam brigadas móveis pelo interior do País, pelas zonas rurais, escalonadas pelo calendário, por terras, aproveitando recursos humanos (e materiais) mais ou menos subaproveitados.

Como nunca é tarde para se fazer o bem e procurar fazê-lo bem feito — com mais proveito para todos — que esta acção não fique retida a pequenos gabinetes concelhios, a zonas urbanas... Seriam brigadas móveis pelo interior do País, pelas zonas rurais, escalonadas pelo calendário, por terras, aproveitando recursos humanos (e materiais) mais ou menos subaproveitados.

PARTILHA — Assinante 28049, de Braga, manda cheque de 2.000\$ «para os Pobres, em acção de graças a Deus». Mais 500\$00 da «ex-Lecista da Figueira» que lê «o nosso querido e apreciado jornal O GAIATO sempre com o maior interesse e proveito espiritual». A presença habitual da assinante 19177, do Porto. Um vale postal de Albufeira. Mais 1.000\$00 de Vilares (Vila Franca das Naves). Os dez rands, do costume, provenientes de Durban (África do Sul), «para ajuda de quem tanto precisa».

Uma reflexão dum Vicentino lisboeta:

«Vamos entrar no tempo da Quaresma. Tempo santo; tempo acceitável a Deus em que somos particularmente chamados a olhar para nós mesmos, para a nossa interioridade, fazendo severo exame de consciência

da nossa conduta para com Deus, para com o Próximo. (...) E estes pensamentos mais se clarificaram lendo a bela Mensagem do Santo Padre João Paulo II para a Quaresma de 1984.»

Mais um cheque, de Baguim (Rio Tinto), para a renda de casa de uma Viúva. E a remessa trimestral de uma lisboeta.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

UM BEM NECESSARIO

O nascimento da Obra da Rua, foi «pedrada no charco» das omissões... De então para cá, as coisas modificaram-se...

A prova de que é urgente esquecer burocracias, frases feitas e por demais gastas, deu-a Pai Américo: a nossa Obra baseia-se no amor ao Próximo, sem distinção de classes sociais, embora, e isso é evidente, primeiro as mais desfavorecidas.

Todos os homens válidos, dados à sociedade, deitam por terra a ideia de que «as Casas do Gaiato são um mal necessário».

No contexto actual da sociedade portuguesa, maior ênfase tem a sua existência! Repare-se no monte de pedidos que esperam ser atendidos e a quantidade de Rapazes em todas as Casas do Gaiato!

— Que seria destes Rapazes...?! — Que aconteceria aos Autoconstrutores...?! — Haveria Património dos Pobres que amparasse os mais Pobres?! — E seria o Calvário para Doentes incuráveis?!

A todos eles a Obra da Rua acode, beneficiando da ajuda de pessoas que compreendem esta necessidade, com uma generosidade extraordinária — a maior parte das vezes sob o anonimato.

IMAGINEM TODOS

Imaginem todos
Que não é necessário fumar
Nem poluir o ar.
Imaginem todos
Que só há justiça e alegria
Em cada dia.

Podem pensar e dizer
Que sou um fantasista.
Mas também sou realista.

Imaginem todos
Que não há razão para guerras
Nem incêndios a devastar serras.
Imaginem todos
O mundo em festa...
E... que todas as pessoas são sinceras.

Podem pensar e dizer
Que sou um fantasista.
Mas também sou um realista.

Manuel Amândio

Nem todos os impostos retiram a força de vontade e de querer ao nosso Povo; nosso, porque dele vem o dom da amizade e da fraternidade e da dádiva para os que carecem de condições mínimas de sobrevivência.

Já com uma profissão e emancipados, nós, os gaiatos, com ele vamos conviver: na mesma fábrica, rua, escritório, com o coração nas mãos.

Construir Lares ou Recolhimentos estatais não basta. Pois quem cuidar de crianças arrancadas aos vícios da rua, da amargura, de estômago vazio, tem que possuir discernimento e maturidade para saber onde está o bem e o mal de cada acto; ajuizar da verdade e da mentira numa afirmação; encontrar a medida certa para decisões certas — tudo isto não está ao alcance de qualquer funcionário ou mercenário que trabalhará em troca de uns milhares de escudos mensais. É preciso mais, muito mais...!

A Obra da Rua é única! Quem o afirma somos nós, os que beneficiamos do seu bafo. Ela é um bem necessário para fazer o bem a quem dele precisar, neste mundo conturbado por quereias fúteis.

— Onde está a justiça dos povos...? — Onde está a fraternidade universal?

Tantas perguntas dirigidas ao coração de cada um!

Fiquemo-nos pelo nosso mundo, feito por nós — cheio de virtudes e defeitos — e deixemos o resto.

Morgado

Paço de Sousa

FESTAS — Estamos nas vésperas das primeiras actuações. Os ensaios cada vez são mais intensos. Está tudo a postos para Famalicão.

O Porto terá Festa a dobrar, no Coliseu. A primeira será a 5 de Abril, às 21h30, e a segunda a 6 de Maio às 11 horas da manhã. Portanto, no caso dos tripeiros não terem lugar na primeira Festa terão na segunda.

DESPORTO — Houve três jogos de futebol. Ganhámos dois e noutro empatámos.

As equipas que nos defrontaram eram do Porto e arredores. No primeiro vencemos por 5-2, depois de estarmos a perder 2-0 quase até final do encontro. No segundo

empatámos 4-4 com um grupo de Gondomar. Embora a nossa equipa estivesse desfalcada de dois ou três elementos base, não foi a grande razão para este empate, mas por algumas dificuldades passadas no jogo anterior. Estariam os nossos atletas abaixo de forma? Talvez não, pois no encontro seguinte, disputado com uma equipa do Porto, vencemos com menores dificuldades. Além disso o jogo foi bastante duro, acabando as equipas por jogarem com menos unidades. No final o resultado foi 3-1 a nosso favor.

Jogos difíceis para a nossa equipa, embora tenhamos ultrapassado todos os obstáculos.

Esperamos mais encontros para o nosso Grupo Desportivo.

VISITAS — Recebemos a visita da Piggale que nos trouxe alguns momentos de convívio. Nessa manhã que estiveram connosco, os trabalhadores da Piggale realizaram um encontro de futebol entre eles. No fim, assistiram à santa Missa na nossa capela.

Além dos trabalhadores da Piggale, cuja visita já é habitual, houve mais visitas que nos dão alegria, porque a nossa quinta é muito bonita.

José Carlos

Do que nós necessitamos

Esta coluna deveria aparecer mais vezes para que todos saibam quanto somos amados. A luz é para pôr em cima do alqueire.

Estes contributos são archotes resplandecentes que falam da amizade e carinho que muitas pessoas nos dispensam, às vezes, até com sacrifício.

São já três grandes sobrescritos cheios de donativos que nos chegaram às mãos com tanto amor! Graças ao Senhor não nos tem faltado o suficiente para sustentar e educar todos os que nós estão confiados e as famílias necessitadas que todos os dias nos procuram e que, ultimamente, se têm multiplicado, sinal de que o custo de vida é penoso para os mais humildes.

As palavras de uma anónima de Leiria, para começar: «Deus bateu à minha porta. Perdoa-me que pequei. Não há vício que não se possa vencer nem ocasião que não se consiga deixar com vontade e Graça de Deus. Estou arrependida. Envio tudo o que posso — 1.000\$00.» Dos Amigos do Bairro da Pasteleira, 4.390\$00; do Espelho da Moda, Porto, um nunca mais acabar de donativos, quer em numerário quer em encomendas! E que dizer das entregas no nosso Lar no Porto?! Um ror delas, também!

Maria do Carmo, 100\$00; dez mil de Egdio Pinto; uma professora primária 2.000\$00, sendo metade para os nossos irmãos do Calvário. Informamos esta nossa Amiga que os donativos dirigidos ao Calvário são para lá canalizados. Anónima, do Porto, 1.000\$; Celeste, 6.000\$; Belmira, 1.000\$00; Maria Rita, 2.000\$; e Berta, de Santo Tirso, 10.000\$. Maria, 1.000\$; mais 5.000\$ de outra anónima muito amiga. 1.100\$ de Maria Helena, por alma de seu marido. M. A. Barbosa, 10.000\$; Padre Justino, 2.000\$; José Ricardo, dez mil escudos; O.P.S.J., de Lisboa, 1.000\$ e mais mil de M. J. A., de Cacém. Hermínia, da mesma terra, 1.000\$ e o dobro da Rua do Ultramar, Cascais. Fundação da Casa de Bragança, 25.000\$; assinante 26906, dez mil escudos; a mesma quantia de Deolinda; Margarida, 5.000\$; bisavó, de Gaia, 500\$ e mais 17.500\$ de Vidine, total de mensalidades que se obrigou a enviar-nos, com palavras cheias de amor e carinho. Mação, pelas mãos de uma Eugénia, 1.000\$; ofertório dos paroquianos da freguesia de Tabuaço com promessa de mais para a próxima vez, 11.000\$; cheque de 10.000\$; outro tanto pela mão de Manuel, de um seu amigo; mais 10.000\$ de Fernando; anónimo, de Braga,

1.500\$; um grupo de senhoras do Candal, 10.500\$; Maria Amélia, de Oeiras, mil; Maria Mendonça, 20.000\$00; Teresa, por alma do seu marido, 5.000\$; senhora de idade muito avançada, por mão de Angelina, 2.000\$; Fernando, de Lisboa, 4.000\$ e mais 10.000\$00 de Soares Oculista para os nossos «Batatinhas». Um anónimo, de Águeda, 5.000\$; José, da Cova da Piedade, mais 5.000\$; Manuel Coelho, o dobro. Paróquia de S. Martinho da Gandra, 28.350\$00. É uma maneira maravilhosa de levar os paroquianos a fazer seus os problemas dos Irmãos mais carecidos. Damasceno, 10.000\$; Maria de Lourdes, 3.000\$; e mais outro tanto entregue ao nosso Padre Moura, em Valongo. Alfredo que não é rico, mas a quem Deus tem dado o pão nosso de cada dia, 10.000\$; e outro tanto de Eduardo, de Odivelas. E que dizer da alegria de um menino de quatro anos ao entregar alguns dos seus carrinhos para os nossos mais pequeninos!? Deus seja louvado!

Temos, ainda, mais presenças para virem à luz e muitas outras que se escondem por vontade de quem as entrega. Umas grandes, outras que são Óbulos da Viúva e cujo valor real só Deus sabe e Ele gosta de guardar segredo.

Fernando Dias

DOCTRINA

● Todo o valor da nota de cinquenta que hoje aqui se regista e o de muitas outras que na Obra da Rua caem vezes sem conta, é o de serem dadas nas ruas por cavalheiros limpos e discretos, a quem a gente implora o curioso «quem é?», e eles respondem: «ninguém!» A esmola a esconder-se... para melhor ser vista. Pois que seja sempre de ninguém este dar e pedir da Obra da Rua — toda feita de amor de Deus e por isso mesmo tão extraordinariamente procurada.

● Ignoradas do mundo as mais profundas obras que nele se realizam. Assim é que ninguém dá pela acção do fermento na massa, nem pelo germinar das sementes, nem pelo frutificar das coisas; e os diamantes de beleza tentadora foram séculos de silêncio, escondidos no seio da terra. Ora se isto é verdadeiro na vida da natureza morta, que dizer da vida viva das almas, onde tudo é pensar e sentir, obras de movimento infinito!

● O mundo não dá fé das realidades escondidas. Nunca os mortais hão-de saber todo o Bem que a Obra da Rua tem feito: o pedir, o dar, o ler, o aceitar. Linhas paralelas que se perdem no mesmo ponto.

● Senhor, que sejam sempre em grande quantidade as famílias pobres que esperam coisas destas linhas de amor, para que a verdadeira riqueza da Obra da Rua seja a pobreza dos que nela confiam.

● Conquistar assim a confiança dos Pobres a ponto de ser o confidente deles, o mesmo é que trazer a vida sempre ocupada naquele grande amor semelhante ao amor de Deus; é caminhar em alturas de vertigem, que nos fazem cair a cada instante no regaço dos que sofrem, com o coração magoado.

● Senhor dos Céus, manda para esta liça divina gente que queira trabalhar; que vá ver com seus olhos e apalpar com suas mãos como é a vida dos que moram nas trazeiras das cidades, que as fachadas não dizem toda a verdade.

● Ele faz-nos doer tanto o panorama das ruas!... Meio mundo a correr atrás da bagatela da moda, fascinado pela ninharia das coisas e das pessoas — miséria doirada quase sempre responsável pela outra miséria que se topa nos tugúrios.

O. Amín: 5!



Quanta dor no coração dos abarracados...!

AGORA

Cont. da 1.ª pág.

gua, mesmo ao lado das albufeiras, e eis o irmão Azevedo com esta mensagem: «Quis o Senhor recordar-me as minhas obrigações e eis-me a cumprir» — com trinta mil para a família de Ermesinde.

Ainda uma noite havemos de descer o Douro em barcos rabelos e com os archotes acessos para acordarmos os adormecidos.

Deixai passar o Jardim Infantil «O Despertar»: «Que bom era se todas as crianças pudessem ter uma casa!».

Todos os que puseram as telhas e tijolos (e foram tantos!) no Espelho da Moda, começam a procissão na rua dos Clérigos para mostrar ao Porto o vestido da paz. Na nossa Casa do Gaiato de Lisboa, presentes nesta procissão: Anónimos, vi-

sitantes, Maria Fernanda, Felisbela, Teresa, António Maria, Maria Fernanda e outros. Uma irmã, em Lisboa, 200 mil na mão. Nossa amiga de Macau, 40 mil em honra dos 40 anos d'O GAIATO. E logo outra amiga do Porto. «O GAIATO é um luzeiro que nos dá esperança» e quinze para um Autoconstrutor. Mais outra, de Lisboa, com cinco «para a obra da construção de casas». Sempre presentes os funcionários da Caixa Têxtil na sua cruzada mensal. Presente, M. M. A. L. com quatro prestações de cinco. Porto: «O Agôra está sempre presente. Vai o produto de algumas renúncias para os que precisam de um lar». Um reformado, das suas economias: «Junto uma estrelinha, embora pequenina, para auxiliar a luz dos heróis da Autoconstrução». Mais 20 es-

trelinhas para a casa «Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo». Cinco de Maria Teresa e três de Maria do Carmo e 25 de família amiga de Galizes. Presentes, também, nossa amiga A. Benedita, do Carvalhido; muitos anónimos; e os nossos assinantes: 10017, 28084, 26753, 9022, 32338, 9030, 26573, 22377, 31937. A «mãe que crê em Deus» nunca esquece a viúva do Barredo. Vieram, também:

Padre Telmo

Novos Assinantes de O GAIATO

É um caudal de novos assinantes! Obviamente, não só ocupam o lugar dos que o Senhor vai chamando — a lei da vida! — como aumentam o número de leitores de O GAIATO.

No topo, um numeroso grupo que o Padre Carlos motivou nas paróquias da outra banda: Almada, Palmela, Monte da Caparica, Barreiro...

Os nossos Padres recomeçaram idêntica campanha no Norte, especialmente em regiões onde O GAIATO circula mais restritamente.

Ainda na cabeça da procissão, mais sessenta deles da região de Aveiro — Pardelhas, Gafanha, Brunheiro, Monte, Murtosa... — pela mão duma revolucionária pacífica que atea o Fogo discretamente. São assim as almas grandes!

Não é menor o colorido das legendas que revelam os segredos e a vitalidade da procissão!

Bairro da Pasteleira (Porto) — com desobriga antecipada: «Estou a despedir-me de recoveira d'O GAIATO, devido à minha idade, pois custa-me muito a subir e a descer para distribuir o nosso jornal! Mas encontrei algumas pessoas (13) que desejam ser assinantes e, portanto, fiquei muito alegre. Aí vão os nomes e as moradas... Todos esperam pelo nosso mensageiro.

O primeiro nome deveria ser o meu, mas como já tenho bastante idade, vai o da minha neta...»

Algueirão:

«Já tinha a carta fechada, quando uma companheira me pediu para inscrever a filha como assinante d'O GAIATO! Foi com muita satisfação que abri a carta e vou dar o nome...»

Setúbal:

«É pena ser tão preguiçosa para escrever; mas, quando o faço, fico bastante alegre.

Antes de mais, desejo muitas felicidades para o Ano Novo, para todos nós que tanto precisamos de paz, amor e muito carinho.

Envio alguns assinantes que consegui na vila (onde estive a trabalhar) um bocado arredado do espírito de Cristo e enveredando por outros deuses...»

Lisboa:

«Saúde para todos, boa disposição e genica para poderem continuar a trabalhar para os milhares de assinantes do nosso querido Jornal.

Ontem mesmo arranjei uma nova assinante... Podem começar a mandar. Esta senhora é bisneta de um grande escritor... e gosta muito de ler! Tem 87 anos, mas conversa muito bem e é uma senhora válida. Conheceu a Obra da Rua por um jornal que lhe ofereci. Aproveitei e falei da Obra do Padre Américo. Gostou muito. Vou ver se consigo arranjar mais assinantes...»

Tornamos a Setúbal!

«Hoje tive uma ideia: ins-

Cont. na 4.ª pág.

RETALHOS DE VIDA

PAULO JORGE



Sou o Paulo Jorge Braga Melo, mais conhecido por Paulinho.

Quando o meu pai abandonou a minha mãe, ela já me tinha no ventre. Depois, nasci no dia 13 de Agosto de 1968. E teve de me criar sozinha!...

Tinha quatro anos quando me entregaram na Casa dos Pobres (Porto) assim como o meu irmão. E vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, já com sete anos, também na companhia do meu irmão.

Tenho, ainda, mais duas irmãs.

A minha mãe está a viver em casa dos amigos. Levanta-se às cinco horas para ir trabalhar e regressa às onze. Só trabalha de manhã. Ganha seis contos.

O meu pai tomou conta de dois meus irmãos e as minhas duas irmãs estão com a minha avó.

Mando muitos cumprimentos para todos os leitores de O GAIATO.

Paulo Jorge

Quando os seminaristas estavam doentes, ele era médico, enfermeiro, pai mais que afável e caridoso. Claro, como se disse atrás, não era inclinado a cálculos, a contas. Por vezes fazia-nos ficar na cama com uma gripeca... Uns adoravam, outros refilavam e alguns abusavam.

O senhor Américo era tão zelador do conforto dos doentes, alguns por manhã, que até conservo uma recordação penosa. Ele obrigou-me a mim de raça pequena, a alombar com pesadíssimos tabuleiros carregados de pratos, panelas e travessas, tudo a abarrotar de comida para os tais doentes. Eu até chorava, porque os braços fracos não aguentavam, doíam, e as mãos quase deixavam cair tudo...

Como o senhor Américo tinha dinheiro seu, conservava no seu quarto bela fruta. Evidentemente que quem comia a maior parte dela éramos nós.



FACETAS DE UMA VIDA

Até roubávamos...

Mas não era sem contrariedades a sua alegria, para além de ter que viver as nossas travessuras e a nossa dedicação filial. Por exemplo, o nosso prefeiteiro, de quem ele era ajudante, enlouqueceu. Oh! como o senhor Américo sofreu até que esse pobre foi levado para o Telhal! Um dia, este infeliz atirou seu barrete eclesiástico para a cerca do Seminário. Depois, em altos gritos e ameaças, culpou o senhor Américo de o ter feito. E bateu-lhe.

De outra vez, como era morda, obrigou-o a ir comprar umas botas com sola de borra-cha virgem, como se dizia en-

tão, uma sola branca em calçado preto, e forçou-o a mostrá-las a todos os alunos da prefeitura, indo de quarto em quarto. O nosso ajudante era a paciência personificada, a simplicidade total, livre de qualquer assomo de vaidade ou orgulho. Usava cabelo curto e comia como qualquer outro seminarista. Lembro-me de que comia, com gosto particular, peixe cozido com arroz, um peixe grosso cujo nome não sou capaz de lembrar, talvez por nunca o saber. Gostava de sopa, de uma boa chávena de café. Não tinha nenhum dos carismas dos santos tradicionais. Não era sorumbático, não an-

dava sempre a rezar, não tinha posições de penitente, não lançava tiradas místicas nas suas falas ou pregações. Defendia com calor vivo os Fracos, já então os Pobres, e insurgia-se contra os falsos profetas. Se insurgia!

Quando ele já era padre, há anos, todo lançado na sua missão do Evangelho puro, eu, em Coimbra, ouvia falar do santo padre Matéo, do santo padre Cruz, do santo cônego Nogueira, mas nunca do santo padre Américo. E não ouço falar da sua canonização... Ou será que tudo isso nunca chegou aos meus olhos ou aos meus ouvidos?! É possível.

Deixemos porém as divagações e voltemos aos sofrimentos do senhor Américo.

Como ele estivera muitos anos sem estudar, surgiu-lhe, creio eu, um esgotamento cerebral, coisa normal nestes casos.

Assim, sendo estudante de Teologia, teria tido grande dificuldade em dar conta das matérias respectivas, nas aulas

de professores tão exigentes como o cônego Tomás Fernandes Pinto, Dr. Moreira, Dr. Melo, Dr. Antunes e Dr. Trindade Salgueiro, entre outros.

E o nosso Américo que já não ficara na Ordem Religiosa que tinha desejado, nem fora admitido no Seminário do Porto, enfrentava agora a desoladora ameaça de não poder ser sacerdote, no Seminário de Coimbra. Uma tragédia!

Felizmente, tudo se resolveu em bem. O senhor Américo foi ordenado padre, logo no fim do 3.º ano teológico, portanto sem ter terminado o curso que depois veio a terminar. Uma excepção!

Claro que eu nunca tive acesso ao desenvolver e ao resolver deste caso. Não sei quais foram as pessoas ou pessoa que deram o empurrão salvador. O senhor Bispo, D. Manuel Luiz Coelho da Silva? Com certeza... Grande Bispo! Claro que a coisa não foi pacífica. Longe disso!

CONT. NA PRÓXIMA EDIÇÃO

FESTAS

Cont. da 1.ª pág.

liseu, mais satisfação em todos eles. «Há dias esteve aqui um senhor que levou mais de 50 bilhetes», sublinha um. «Isto é sempre a aviar! Não falando dos telefonemas que atendemos diariamente...!», exclamam doutro lado.

Um responsável pelo Cine-Teatro de Vila Nova de Famalicão lamenta «a vida estar muito má...». Acrescenta, porém, com lume nos olhos: «Quando vocês cá vêm... as pessoas não falham!»

Aquele Amigo de Braga, qual apoio de vanguarda, não só quer chegar fogo aos bra-

carenses adormecidos — «estou confiante que iremos ter uma boa casa...» — como finca pé em manter a tradição: «As senhoras da rua do Souto, mais uma vez, oferecerão a habitual merenda (no fim da Festa) e precisam de saber quantos gaiatos virão a Braga».

A mesmíssima receptividade em Aveiro — por notícias do pequeno distribuidor de O GAIATO, em recente passagem por lá com um grupo deles, e por cartas também: «Cá vos espero daqui a pouco...», recado de um oficial das Forças Armadas — em acção de Paz que o Mundo tanto precisa...!

Quanto à Festa em Amarante, a 2 de Maio, diremos oportunamente. É tempo de Primavera! Toda aquela beleza que enche os olhos de todos nós — o Marão!

Regressemos ao Porto. Antes de ser, a Festa é já muito viva no coração dos tripeiros — com marcas fortes! Um Amigo da rua do Rovuma não se contém!

«No dia 5 de Abril, à noite, estarei no Coliseu do Porto para assistir à calorosa e sempre bendita Festa. Para mim e para todos os homens de boa vontade» — acentua — «é um convívio sadio onde a Fraternidade é o prato forte!»

Os corações fervem! E, nesta fervura, desfilam outros bons d'Amigos que não podem marcar presença à noite no Coliseu, seja pela distância (das regiões periféricas), seja por motivos escolares ou profissionais, seja ainda por razões de saúde ou da própria idade. Porta-voz, uma assinante da rua das Mercês:

«Fiquei muito contente com a notícia da Festa, este ano, no Coliseu do Porto. Porém, como devido à idade não posso já deslocar-me de noite (e, como eu, quantos e quantos em iguais circunstâncias!) espero, como em outros anos tem sido, haja a repetição da dita no Coliseu do Porto», em hora mais acessível.

Já está marcada para 6 de Maio, DOMINGO, às 11 horas

Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. na 3.ª pág.

crever os meus irmãos como assinantes de O GAIATO.

Espero que eles gostem, porque a mesma formação que recebi, receberam eles também.»

Assinante 32480:

«Um sobrinho meu — bastante afastado da Igreja — disse-me para lhe mandar O GAIATO. Foi através da leitura do meu que ele quis ser assinante e até pode ser um meio para se modificar.»

Se O GAIATO não fosse tão pequenino — há quem o trate por pequeno-grande e lá sabem porquê — poderíamos ir mais longe. A procissão é tão numerosa, cada qual com seu voto, explícito ou implícito, todos com mais ou menos calor espiritual, que ninguém ficaria inerte...! Tanto, que as presenças dizem

da manhã. Exactamente para dar possibilidade a todos estes Amigos — e não são poucos! Mas terão o cuidado de evitar distrações... que alguns sofreram, dolorosamente, em anos anteriores, muito afeitos a matineés! E não será tarde nem cedo para as donas de casa — que terão de pôr o tacho ao lume — pois naquele domingo, com tão forte aperitivo, quem irá reparar na ementa...!?

Júlio Mendes

Júlio Mendes

NORTE

ABRIL

2, às 21,30h — Cine-Teatro Augusto Correia V. N. FAMALICÃO
Bilhetes à venda: na Confeitaria Bezerra e no Cine-Teatro Augusto Correia

4 » » — Cinema S. Geraldo — BRAGA
Bilhetes à venda: Rua Santa Margarida, 8

5 » » — COLISEU DO PORTO (primeira Festa)
Bilhetes à venda: no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54, telefones 23981/2; e bilheteiras do Coliseu do Porto, telef. 25196.

10 » » — Teatro Aveirense — AVEIRO
Bilhetes à venda: no Teatro Aveirense

MAIO

2, às 21,30h — Amarante Cine-Teatro
Bilhetes à venda: no Amarante Cine-Teatro.

6, às 11 horas da MANHÃ — COLISEU DO PORTO (repetição da Festa)
Bilhetes à venda: no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54, telefones 23981/2; e bilheteiras do Coliseu do Porto, telef. 25196.

CENTRO

ABRIL

28, às 21h — Salão dos Bombeiros MIRANDA DO CORVO

MAIO

1, às 15,30h e 21,30h — Teatro Avenida COIMBRA

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa